

O Brasil nas trevas (2013-2020): do golpe neoliberal ao fascismo

LUIZ FILGUEIRAS E GRAÇA DRUCK (ORGS.).

São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. 283p.

Luana Forlini*

A década de 2010 no Brasil foi recheada de eventos políticos significativos e que geraram amplo debate, tanto dentro como fora da academia. Basta lembrarmos das manifestações de junho de 2013, do golpe que retirou Dilma Rousseff (PT) da presidência e da eleição de Jair Bolsonaro (sem partido). Tais eventos exigem análises robustas acerca de seus motivos, suas consequências e seus mecanismos, sejam eles estruturais ou conjunturais. O livro organizado por Luiz Filgueiras e Graça Druck, intitulado *O Brasil nas trevas (2013-2020): do golpe neoliberal ao fascismo*, faz parte desse arcabouço de análises, compreendendo 48 textos publicados entre 2013 e 2020.

Os textos que compõem a presente coletânea, publicados por diversos autores em jornais e revistas (sendo a maioria da autoria dos dois organizadores), devem ser lidos como uma espécie de fotografia do momento, documentando, no calor dos acontecimentos, a luta política que se desenrolava no período. Os temas discutidos são vários: as mobilizações contrárias e favoráveis à deposição de Dilma, a diminuição dos investimentos em pesquisa e o ataque constante às universidades públicas somados à narrativa em prol da privatização do ensino superior, a precarização do trabalho (sobretudo a terceirização, discutida no bojo da votação na Câmara e no Senado do Projeto de Lei 4330/Projeto de Lei Complementar 30/15), a greve dos caminhoneiros de 2018, as diversas manifestações dos motoristas de

* Doutoranda em Ciência Política (Unicamp). E-mail: luana.forlini@gmail.com

aplicativos. Enfim, uma série de eventos que terminam na pandemia provocada pela Covid-19 e na incapacidade do governo Bolsonaro em geri-la.

Apesar do caráter conjuntural, o livro também conta com análises estruturais, possuindo uma linha clara de argumentação na qual se apoia a maioria dos textos selecionados. Ela começa na defesa de que os governos petistas, de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, não modificaram as bases do neoliberalismo e de seu padrão de desenvolvimento no Brasil. O que diferencia tais governos daqueles presentes nos anos 1990, década em que o modelo neoliberal começou a ser implementado e se consolidou com Fernando Henrique Cardoso (PSDB), é uma certa flexibilização do tripé macroeconômico e a boa situação externa (*boom das commodities*), promovendo o aumento da importância de setores que integraram a grande burguesia interna – por exemplo, o agronegócio e a indústria ligada à infraestrutura, os quais passaram a competir pela hegemonia do bloco no poder com o capital financeiro internacional.

O padrão de desenvolvimento neoliberal, que no caso brasileiro Filgueiras conceitualiza como “Modelo Liberal Periférico (MLP)”, tem como características principais: i) a maior assimetria na relação entre capital e trabalho, levando à precarização deste último; ii) a hegemonia do capital financeiro e internacional (apesar de, como exposto acima, essa hegemonia ter sido “ameaçada” pela grande burguesia interna durante os governos petistas); iii) a maior dependência ante o capital financeiro e internacional, acarretando a reprimarização da pauta de exportação e a maior vulnerabilidade externa; e iv) a subordinação da esfera política à econômica.

Com a crise de 2008, que se alastrou pela zona do euro a partir de 2010, a continuidade da flexibilização do tripé macroeconômico ficou inviabilizada, assim como os ganhos sociais e econômicos das classes dominadas, que se tornaram possíveis em função de políticas que visavam à redistribuição de renda. A burguesia cosmopolita que, nos termos do arcabouço teórico poulantziano, costuma se denominar como associada, partiu para uma ofensiva na cena política conjuntamente com o capital financeiro internacional. Essa ofensiva, somada ao sentimento de ressentimento e de temor da classe média em perder o que havia conquistado durante os governos petistas, são fatores-chave para compreendermos a ascensão do movimento neofascista que apresentou seus contornos iniciais nas manifestações de junho de 2013.

Para entendermos melhor essa simbiose entre o neofascismo e a crise do modelo neoliberal, os textos do livro trazem uma reflexão interessante sobre como o neoliberalismo é absolutamente compatível com estado de exceção e por que, em algumas conjunturas, necessita desse tipo de Estado para sobreviver. Exemplo histórico disso é o Chile quando estava sob o governo do ditador Augusto Pinochet (1974-1990), considerada a primeira experiência neoliberal. A sequência de eventos após 2008 é explicativa: com a crise, para manter o modelo neoliberal e os bônus econômicos do capital financeiro, era necessário aumentar a desigualdade na relação entre capital e trabalho, consequentemente diminuindo os direitos dos

trabalhadores e seus salários, ao passo que se ampliava a precarização. Os chamados ajustes fiscais, vendidos como se fossem a única alternativa viável para retomar o crescimento econômico, são, na realidade, exemplo do que foi citado anteriormente: uma retirada de direitos e ganhos das classes dominadas para poder transferir mais receita, a partir da esfera do governo, para o capital financeiro.

A ofensiva neoliberal tem como consequência direta a degradação da qualidade de vida dos trabalhadores, criando uma frustração em uma grande parcela da população. Ao mesmo tempo, o Estado se torna cada vez mais incapaz de atender aos interesses das classes dominadas. No horizonte desponta a possibilidade do estado de exceção, pois estão postas as bases do neofascismo: ofensiva neoliberal perpetrada pela burguesia cosmopolita e pelo capital financeiro internacional, uma parcela da população frustrada e ressentida contra o *status quo* e a flagrante incompatibilidade do Estado democrático com o neoliberalismo. Bolsonaro é eleito em 2018 com o apoio do movimento neofascista – é importante frisar que tal movimento não se limita ao bolsonarismo, apesar de seu governo ser neofascista.

Filgueiras elenca algumas características do neofascismo brasileiro, as quais possuem fortes semelhanças com as experiências fascistas do século XX. São elas: i) o autoritarismo; ii) o ataque à esquerda e aos movimentos considerados socialistas ou comunistas; iii) o nacionalismo; iv) a guerra cultural; v) o apoio à construção de um estado de exceção; vi) o ataque ao “outro” (como imigrantes e minorias políticas); e vii) a mobilização das massas. É importante ressaltar que, para além dessas características, na cena política, o neofascismo está amalgamado com políticas neoliberais (ou ultraneoliberais) e com os militares, presentes em peso na burocracia estatal. Além disso, Filgueiras argumenta que o neofascismo possui ramificações, que formariam também suas bases de apoio, pelo menos até o momento em que os textos foram publicados. Tais ramificações se dividem em três, sendo elas as igrejas evangélicas, o lavajatismo e o bolsonarismo, pautado nas milícias digitais.

Por tudo o que foi exposto, ao final do livro os textos conclamam para o “Fora Bolsonaro” e criticam, sobretudo, parte da esquerda que ainda não aderiu ao movimento a favor do impeachment do atual presidente no contexto da crise sanitária causada pela Covid-19 e a inoperância do governo. Crise que, inclusive, causou tensão e rachaduras entre o neofascismo e o neoliberalismo. O livro termina e a sensação que o leitor tem é de ter assistido a um documentário que apresenta passo a passo como chegamos ao momento atual. A mescla entre textos conjunturais e aqueles que analisam questões estruturais é muito bem-vinda e poderá ser de grande utilidade tanto para discussões acadêmicas como para a luta política.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Multidão fotografada
Steve Edwards

Comunismo e organização
Peter Thomas

Transição ao capitalismo
Fabien Tarrit

Dialética no "Capital"
Hans Fulda

Guerra civil nos Estados Unidos
Karl Marx e Friedrich Engels

Dossiê: Análises marxistas da Revolução Russa
Valério Arcary, Márcio Naves e Erick Fishuk

45